

# A questão tibetana à luz da geopolítica e do choque das civilizações

João Franco<sup>1</sup>  
(Lisboa - Portugal)

## Resumo

Este artigo fala da situação actual no Tibete, abordando também a sua história e caracterizando o seu espaço geográfico. Além disso, são abordados o lugar do Tibete nalgumas teorias geopolíticas clássicas e toda a sua problemática face ao choque das civilizações, defendido por Samuel Huntington.

**Palavras-chave:** Tibete; Geopolítica; Choque das Civilizações.

## *The Tibetan issue in the light of geopolitics and the clash of civilizations*

### Abstract

In this paper we discuss the present situation in Tibet, also mentioning its history and its geographic characterization. Moreover, it covers the role of Tibet in some of the classical geopolitical theories and all the questioning arising from the clash of civilizations, defended by Samuel Huntington.

**Keywords:** Tibet; Geopolitics; Clash of Civilizations.

## *La cuestión tibetana a la luz de la geopolítica y el choque de civilizaciones*

### Resumen

Este artículo habla de la situación actual en Tíbet, también abordando su historia y su caracterización geográfica. Además, son abordados el lugar del Tíbet en algunas teorías geopolíticas clásicas y toda su problemática delante del choque de civilizaciones, defendido por Samuel Huntington.

**Palabras-clave:** Tíbet, Geopolítica, Choque de Civilizaciones.

## Introdução

O Tibete, país do tecto do mundo dominado pelas escarpas dos Himalaias, sofreu a invasão das tropas da República Popular da China (RPC) em 1951, e desde então, o país tem sido assolado por sublevações, manifestações violentas e pela colonização Han, a etnia dominante na RPC, que é acompanhada de uma forte presença militar e policial por parte das autoridades de Pequim. Nem se sabe ao certo o número de mortos desde o início da ocupação chinesa. Devido às posições pacifistas do Dalai-Lama, líder

---

<sup>1</sup> Licenciado em Relações Internacionais e pós-graduado em Estratégia pelo ISCSP - Universidade Técnica de Lisboa. Diretor da revista Finis Mundi. Contato: joao.franco4@sapo.pt

espiritual e político do Tibete até há bem pouco tempo<sup>2</sup>, secundadas pelo remanescente do governo tibetano no exílio, tem sido privilegiada, para não dizer exclusivamente considerada, uma solução pacífica para o diferendo.

Numa altura em que a RPC expande e moderniza as suas forças armadas, parece pouco provável a viabilidade do movimento independentista tibetano. Contudo, este movimento é um foco de instabilidade interna, que se junta a outro maior, o do movimento independentista uigur do Sinkiang (Turquestão chinês ou Uiguristão). Caso se dê um bloqueio do crescimento económico chinês, será inevitável o aumento da instabilidade interna na RPC, que pode ser aproveitada pelos movimentos independentistas referidos. Outra situação que pode levar a instabilidade é um fracasso chinês numa hipotética intervenção militar para recuperar a soberania sobre Taiwan.

Correia (2004), afirma que na Ásia Central a RPC adoptou uma postura defensiva face ao expansionismo islâmico e aos separatismos do Tibete e do Sinkiang.

Vamos abordar neste artigo uma breve súpula histórica do Tibete, bem como caracterizaremos o seu espaço geográfico. Além disso, vamos ver o lugar do Tibete nalgumas teorias geopolíticas clássicas, assim como a questão Tibetana à luz da teoria do choque das civilizações, analisando deste modo as suas forças e as suas fraquezas, de modo a estarmos mais bem preparados para avaliar esta questão.

### **Breve súpula histórica do Tibete**

Habitado por tribos nómadas desde o século II, a unificação do território apenas foi alcançada no século VII devido ao casamento do rei Song-tsen com uma princesa chinesa. Após a unificação, o Tibete expande-se em diversas direcções: Nepal, China, Turquestão, Samarcanda e Birmânia, mas acaba por recuar no século IX, graças a dissensões internas. No século XII o budismo tibetano, ou lamaísmo, já estava fortemente implantado. O primeiro Dalai-Lama foi Tsong Kapa, em meados do século XIV. Em 1642, o quinto Dalai-Lama, passou a exercer todos os poderes seculares do Estado tibetano. Em 1720,

---

<sup>2</sup> Em 2011, após eleições para o Parlamento tibetano no exílio, o Dalai-Lama anunciou a sua intenção de abandonar a liderança política do Tibete no exílio, mantendo-se apenas como líder espiritual, entregando os seus poderes administrativos e políticos aos líderes eleitos da administração central do Tibete.

deu-se nova penetração chinesa e a dinastia manchua submeteu o Tibete, embora a estrutura governamental não se tenha alterado até ao século passado.

As convulsões chinesas na segunda metade do século XIX foram aproveitadas pelos britânicos para enviar uma expedição militar a Lassa, obtendo acordos comerciais vantajosos. A China voltou a ocupar o Tibete até à queda da Dinastia Manchua em 1910. Pela convenção de Simla de 1914, o poder tibetano é restaurado e o décimo terceiro Dalai-Lama regressa a Lassa. Em 1951 o Tibete é anexado pela República Popular da China, e transformado em região autónoma. Os chineses procuraram destruir a teocracia vigente no país, promoveram a educação laica, redistribuíram as terras e instalaram pequenas indústrias (Nova Enciclopédia Portuguesa, p.2311). Em 1959, uma revolta anti-chinesa eclodiu em Lassa, obrigando o décimo quarto Dalai-Lama a fugir para a Índia.

Em setembro de 1965, contra a vontade popular de seus habitantes, o país torna-se região autónoma da China. Entre 1987 e 1989 tropas comunistas reprimem com violência qualquer manifestação contrária à sua presença. Há denúncias de violação dos direitos humanos pelos chineses, resultantes de uma política de genocídio cultural.

Em agosto de 1993 iniciam-se conversações entre representantes do Dalai-Lama, laureado com o prémio Nobel da Paz em 1989, e os chineses, mas mostram-se infrutíferas. O Dalai-Lama teria até proposto reconhecer a soberania chinesa sobre o Tibete em troca da preservação da autonomia cultural tibetana (Moreira, 2002, p. 498). Em maio de 1995 é anunciado pelo Dalai-Lama o novo Panchen Lama, Choekyi Nyima, de 6 anos, o segundo na hierarquia religiosa do país. O governo de Pequim reage e afirma ter reconhecido Gyaincain Norbu, também de 6 anos, filho de um membro do Partido Comunista Chinês, como a verdadeira encarnação da alma do Panchen-Lama.

Ugyen Tranley, o Karmapa Lama, terceiro mais importante líder budista tibetano, reconhecido tanto pelo governo da China como pelos tibetanos seguidores do Dalai Lama, foge do país em dezembro de 1999 e pede asilo à Índia. A China tenta negociar o seu retorno, mas Tranley, de 14 anos, critica a ocupação chinesa do Tibete.

A causa da independência do Tibete ganha força perante a opinião pública ocidental após o massacre de manifestantes pelo exército chinês na praça da Paz Celestial e a concessão do Prémio Nobel da Paz a Tenzin Gyatso, ambos em 1989. O Dalai Lama passa a ser recebido por chefes de Estado, o que provoca protestos entre os chineses. No início de 1999, o governo chinês lança uma campanha de difusão do ateísmo no Tibete. A fuga do Karmapa Lama causa embaraço à China.

O Tibete é, ainda hoje, considerado pela China como uma região autónoma chinesa (Xizang).

### **Breves linhas caracterizadoras do espaço tibetano**

O espaço tibetano, cuja anexação veio conferir uma maior profundidade estratégica à RPC, tem uma extensão de um 1.221.600 hm<sup>2</sup>. Geograficamente situa-se num vasto planalto, com altitudes médias a rondar os 5 mil metros. Além do mais, este vasto planalto está rodeado por altas cordilheiras: Kuen Lun, Thanhimalaia, Himalaia. É atravessado por vários rios, como sejam o Indo, o rio Amarelo, o rio Azul, o Mecom e o Bramaputra. Domina a estepe, e as condições climáticas adversas limitam a actividade agrícola. A pecuária é das principais actividades, com grandes rebanhos e manadas de ovelhas, cabras, iaques e cavalos (Nova Enciclopédia, p. 2310). No sul do território, onde o clima é mais ameno, as colheitas agrícolas são mais variadas, incluindo arroz e damascos. Exploram-se igualmente algumas florestas para madeira (New Universal Encyclopedia, p. 8074).

O subsolo é rico nalguns minérios como ferro, carvão e silício (Nova Enciclopédia Portuguesa, p. 2311). A RPC tem também apostado na procura de hidrocarbonetos no Tibete (Cunha, 2012, p. 140).

### **Integração do Tibete nalgumas teorias geopolíticas clássicas**

A geopolítica, termo cunhado pelo sueco Kjellen no seu livro *Der Staat als Lebensform* (1917), ou seja, o Estado como uma forma de vida, que a definiu como “o estudo do Estado como um organismo geográfico” (Kjellen, p.39), assumiu um carácter maldito no Ocidente depois das teses de Haushoffer, geopolitólogo alemão inspirado em Kjellen, Ratzel e Mackinder

terem sido apropriadas pelo nacional-socialismo e em parte por Hitler, no *Mein Kampf*.

Contudo, os Estados Unidos souberam ler correctamente a importância dessa ciência para a determinação da sua política externa futura, e ainda durante a 2ª Guerra Mundial acarinharam e acolheram as teorias de geopolíticos como Mackinder e Spykman.

Sir Halford John Mackinder (1861-1947), inglês, foi o maior teorizador do poder terrestre, publicando em 1919 o livro *Democratic Ideals and Reality*. Mackinder desenvolveu o conceito de *heartland*, o coração do mundo, uma zona geográfica privilegiada em termos estratégicos e de autarcia, cujo controlo permitiria a uma potência dominar a ilha mundial (Europa, Ásia e África), e dominando esta, o resto do mundo. Esta zona geográfica, que em 1919 Mackinder definiu como indo da Europa de Leste, e da Suécia quase até ao Extremo-Oriente russo, limitada a norte pelo Oceano Ártico e a Sul pelo Irão, sub-continente indiano e pela costa asiática das monções, goza a Norte da protecção do gelo Ártico, e a Sul de uma vasta rede de desertos, montanhas e largos espaços inóspitos (Himalaias, desertos da Arábia, de Gobi, do Irão e do Tibete, Sibéria), sendo a principal porta de entrada neste espaço pivot o Leste Europeu (Defarges, pp. 45-46).

Nesta fase, o Tibete surge integrado no *heartland* como sua fronteira Sul, que o protege com as suas barreiras montanhosas e desérticas. As Américas e a Austrália assumem um papel quase de espectadoras do que se desenrola na ilha mundial. Em torno do *heartland* existe um crescente de zonas costeiras composto pela Europa, península Arábica, sub-continente indiano, Sudeste Asiático e zonas costeiras do Extremo-Oriente.

Na África sub-sahariana Mackinder distingue ainda um segundo *heartland*, o Heartland do Sul, cujo controlo permitirá o domínio do Atlântico Sul e do Índico.

Em 1943, em plena 2ª Guerra Mundial, Mackinder revê as suas posições, publicando um artigo na revista americana *Foreign Affairs*. Reduz a extensão do *heartland*, delimitando claramente a faixa de desertos e montanhas que o protegem. África, América do Sul e Austrália continuam a ter um papel limitado nas suas concepções, surgindo agora o conceito de *Middland Ocean*, um oceano unindo as duas margens do Atlântico, ou seja, a

Europa Ocidental e os Estados Unidos e a sua zona de influência numa aliança anfíbia que dominaria o Atlântico, o Ártico, o Mar das Caraíbas e o Mediterrâneo, e que poderia opôr-se à potência que emergiria no pós-guerra como controladora do *heartland*, a União Soviética (Almeida, 1994, p.32).

É fácil de ver nesta concepção os fundamentos da Aliança Atlântica (OTAN). Nesta revisão teórica, o Tibete surge já excluído do *heartland*, integrado na área-tampão que o separa das costas asiáticas das monções (onde podem emergir potências desafiadoras do *heartland*: Índia, China).

O holandês naturalizado americano Nicholas Spykman cria o conceito de *Rimland*, que ele julga ser de importância superior ao *Heartland*. Nas suas teorizações considera um *heartland*, que corresponde *grosso modo* ao que Mackinder definiu em 1943. Em torno deste, em forma de crescente, Spykman define o *rimland*, uma extensa área que engloba as barreiras naturais de protecção do *heartland*, a Europa Continental, a Península Arábica, o sub-contidente indiano e a maior parte do resto da Ásia. As Américas e a Gronelândia são o *Novo Mundo*, e existe uma série de continentes e ilhas exteriores que incluem África, a Austrália, a Indonésia, as Filipinas, o Japão, a Islândia, a Irlanda e a Grã-Bretanha (Almeida, 1994, p.33). De destacar deste conjunto o papel histórico do Reino Unido e do Japão, originalmente países insulares pobres que buscaram através do poderio naval e do comércio encontrar os recursos indispensáveis à sua economia.

O *rimland* de Spykman seria então uma vasta zona de características anfíbias, integrada por numerosos e diferentes países, cujo controlo seria disputado quer pela potência marítima, quer pela potência terrestre. Spykman considerava que a área de intervenção prioritária dos Estados Unidos no pós-guerra deveria ser o *rimland*, zona essencial para o escoamento das suas mercadorias, e para o seu abastecimento de matérias-primas. Impunha-se antes de tudo impedir que uma potência continental controlasse o *heartland* e o *rimland*, enclausurando os Estados Unidos no seu continente.

À luz das teorias desenvolvidas por Spykman, o Tibete integra o *rimland*, sendo assim uma área apetecível quer para a potência marítima, quer para uma potência continental que queira afirmar-se na região.

Mais tarde, o professor americano Saul Cohen ajudou a compreender melhor o poder marítimo, com os seus conceitos de *Mundo marítimo*

*dependente do comércio* e de *shatterbelts*. Estes últimos são zonas de fractura, flexíveis, e Cohen distingue o *Shatterbelt* do Médio Oriente, que agrupa também o Nordeste africano e o *Shatterbelt* do Sudeste Asiático. Cohen dividiu o mundo em quatro grandes espaços: o *Mundo marítimo dependente do comércio* que agrupa a Europa Ocidental, a Austrália, as Américas e quase toda a África; o *Poder continental Eurasiático*, que agrupa o *Heartland*, a Europa de Leste e o Extremo-Oriente; os *Shatterbelts*; e a *Região Geopoliticamente Independente*, que é constituída a traços largos pelo sub-continente indiano (Almeida, 1994, p.35).

O *Mundo marítimo dependente do comércio* está orientado para as bacias do Atlântico e do Pacífico, e são vitais para si as relações por mar, e, por conseguinte, a livre circulação.

Os *shatterbelts* comandam pequenas áreas marítimas estratégicas e distinguem-se pelas suas riquezas minerais e agrícolas. Por este facto são vitais para o *Mundo marítimo dependente do comércio* e também são importantes para o *Poder continental Eurasiático* (Almeida, 1994, p. 38). Os *shatterbelts* servem como áreas também que impedem o confronto directo entre as grandes potências e de apoio às mesmas em época de conflito.

O Tibete surge integrado no Extremo-Oriente, enquanto componente do *Poder continental Eurasiático*, e será interessante verificar no futuro qual será a potência dominante, se a Rússia, se a China, ou mesmo se emergirá um grande bloco eurasiático.

O colapso da União Soviética veio dar origem à independência de uma nova série de Estados na Ásia Central, e especialmente em torno do Mar Cáspio e do Mar Negro, duas áreas muito importantes quer pelos recursos energéticos do Cáspio, quer pelas vias de escoamento dos mesmos para o Ocidente através do Mar Negro. Enquanto a Rússia procura manter a sua influência nas Repúblicas ex-soviéticas, a República Popular da China investe em oleodutos e gasodutos para conduzir o petróleo e o gás do Cazaquistão e do Turquemenistão para o território chinês, e os Estados Unidos procuram escoar o petróleo cazaque e azeri através do Azerbaijão e da Geórgia para o Mar Negro, e daí para a Europa e os Estados Unidos, ou através do Azerbaijão, da Geórgia e da Turquia para o Mediterrâneo, ultrapassando a dependência do porto russo de Novorossiysk.

## O choque das civilizações

No sobejamente comentado livro de Samuel Huntington, *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial* (1999), o Tibete surge como o Estado-núcleo da civilização budista. Esta civilização é, discutivelmente, a mais fraca das enumeradas por Huntington, o que tornou impossível qualquer tipo de auxílio por parte de membros dessa mesma civilização, aquando da invasão e anexação chinesa do Tibete. Como países membros desta civilização surgem no geral países pobres, e algumas vezes escassamente povoados, que ocupam concomitantemente algumas das regiões mais inóspitas do globo. Os países que integram essa civilização são o Tibete, a Mongólia, o Laos, o Camboja, a Birmânia e a Tailândia (Huntington, 1999, pp. 26-27).

O Tibete é hoje um país dominado, ocupado pela RPC. A Mongólia é um Estado frágil, pobre e inóspito, com pouca terra arável e fraca capacidade militar, que oscilou ao longo do século XX entre a órbita chinesa e soviética. Continua a despertar na RPC o desejo de anexação, para reintegrá-la no território chinês. O regime comunista de Ulan-Baator colapsou em 1990, e desde então têm sido feitas reformas políticas e económicas que estão a abrir o país ao turismo.

O Laos e o Camboja são dois países pobres do Sudeste Asiático, sem grandes perspectivas de melhoria nos tempos mais próximos. A Birmânia é ainda uma incógnita, não se sabe que rumo vai tomar politicamente, tem tido o apoio da RPC, e recebido um número cada vez maior de investimentos indianos, contando com uma quantidade apreciável de recursos naturais cobiçados por potências estrangeiras.

A Tailândia tem sido o líder natural da civilização budista pela sua capacidade económica e militar, mas a sua liderança não é incontestada, existindo situações de tensão e conflito fronteiriço com a Birmânia e o Camboja, e a instabilidade interna dos últimos anos também não tem ajudado.

Vizinho de duas poderosas civilizações, a islâmica e a hindu, e ocupado por uma terceira ainda mais poderosa, a sínica, o Tibete beneficiou, até à decisão de Nixon de reaproximação à RPC, de ajuda financeira e treino militar americanos a algumas das suas forças rebeldes, e tem beneficiado do asilo indiano ao Dalai-Lama, líder espiritual e político do Tibete, bem como de muitos

outros exilados tibetanos que o acompanhavam. A Índia constitui, pelo seu território e população, o contra-ponto asiático à RPC e não é alheio a este facto, a crescente aproximação americana e russa a Nova Delhi.

A Federação Russa prossegue uma política externa no mínimo ambígua. Se por um lado vende armamento e tecnologia militar à China, contribuindo para a melhoria qualitativa do Exército Popular de Libertação, que no futuro se poderá voltar contra si, por outro coopera cada vez mais com a Índia, de quem é o principal fornecedor militar. A posição geopolítica da União Indiana não é fácil, rodeada de Estados com os quais tem ou teve diferendos violentos, a saber: China, Paquistão, Bangladesh e Birmânia. Por outro lado, a guerra civil no Sri Lanka foi durante décadas uma fonte de desestabilização. Restam os pequenos Estados do Nepal e do Butão, como zonas onde Nova Delhi tem alguma influência, mais como Estados-clientes do que aliados.

Muitos tibetanos mais jovens desejam a luta armada para libertar o seu país, e há que dizer que o terreno e o clima são propícios à luta de guerrilha. Um Tibete de novo independente poderia servir de Estado-tampão numa grande extensão da actual fronteira sino-indiana e ajudar a servir os interesses indianos.

Por outro lado, Nova Delhi parece ser desejada como parceiro preferencial para os Estados Unidos na área, no seguimento da Guerra no Afeganistão, donde ressalta o papel dúbio e que inspira pouca confiança do Paquistão.

### **Considerações Finais**

Podemos afirmar que a questão tibetana está longe de terminada. O Dalai-Lama parece estar a perder o controlo sobre a camada mais jovem do povo tibetano, que dentro do Tibete recorre cada vez mais a auto-imolações, manifestações violentas e pensa mesmo na luta armada contra Pequim. A conjuntura actual é, contudo, pouco favorável às aspirações tibetanas. A Índia parece interessada em resolver os seus diferendos fronteiriços com a sua vizinha cada vez mais poderosa, e os EUA não querem arriscar a fragilização das suas relações com a RPC por causa do Tibete.

Não obstante, caso as circunstâncias mudem, pode haver uma oportunidade para os defensores da independência tibetana, bem como para

outros movimentos independentistas dentro da RPC. Algumas dessas oportunidades podem ser um possível conflito entre a RPC e Taiwan, um conflito no Pacífico entre os EUA e a RPC, ainda que limitado ou uma grave crise económica que afecte as reformas económicas levadas a cabo desde 1989 na RPC.

Teremos de aguardar para ver o que o futuro reserva, mas eventualmente o mundo tornará a ver o Tibete independente.

### **Referências**

- ALMEIDA, Políbio Valente de. *Ensaio de Geopolítica*. Lisboa: ISCSP/IICT, 1994.
- CORREIA, Mário Dias (Ed.). *Nova Enciclopédia Portuguesa*. Lisboa: Ediclube, Vol. 25, 1992.
- CORREIA, Pedro de Pezarat. *Manual de Geopolítica e Geoestratégia: Vol.II-Análise Geoestratégica de um Mundo em Conflito*. Coimbra: Quarteto, 2004.
- CUNHA, Luís. *A Hora do Dragão-Política Externa da China*. Lisboa: Zebra Publicações, 2012.
- DEFARGES, Philippe Moreau. *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva, 2003
- HUNTINGTON, Samuel. *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- KJELLEN, Rudolf. *Der Staat als Lebensform*. Leipzig: S. Hirzel, 1917.
- MOREIRA, Adriano. *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina, 2002.
- STOWELL, Gordon (Ed.). *The new universal encyclopedia*. London: The Caxton Publishing Company, Vol. XIV, S/D.

**Data de submissão: 2020-07-15.**

**Data de publicação: 2020-08-30.**